



**Contos e  
Novelas  
Portuguesas  
do SÉC. XIX**

*Biblioteca Online do Conto*

*Contos e Novelas Portuguesas do Século XIX*

2014, Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP

Orientação: Luísa Costa Gomes

Digitalização e Correção: Inês Fonseca Santos

Revista Ficções / Instituto Camões / Instituto do Livro

*Gonçalo M. Tavares*

## **O VASO**

Nada, nada, nada.

A impaciência torna-nos imprudentes e pior: incompetente, ele fora incompetente.

É impossível ser eficaz assim. Os pacientes acertam no alvo porque só atiram quando o alvo está perto, a um metro. Não se trata de boa pontaria, é pura e simplesmente paciência. Esperar que a presa se aproxime.

Se ela está lá ao fundo não corras atrás, porque ela ouve os passos e vê o teu ar apressado, a tua ânsia. Nenhuma presa é estúpida, tudo o que tem medo percebe; ter medo acelera o processo de entender, e se a presa tem medo compreende, percebe tudo. Se corres atrás dela, ela foge: já ouviste falar deste fenómeno, não?

Espera, sim, no teu canto, se não correres atrás a presa não foge. Se não correres atrás a presa não tem medo, e se não tem medo não percebe, se não tem medo fica estúpida, não trabalha, não se esforça, não se esconde, entedia-se, senta-se, tenta uma sesta, adormece. Aí, disparas.

Ah, mas ele não. Incompetente: não se apaixonava, ou melhor: não conseguia manter esse estado. Porquê tanta pressa? Tanta impaciência. Lá estava ele de novo frente aquela mulher. Sentados os dois. Apressara-se, estúpido, a apaixonar-se, e agora aquilo: aquela mulher aborrecia-o.

Poucas semanas haviam passado. Fora incompetente no acto de se apaixonar. Não faço bem isto, pensava para si próprio, como alguém que se recrimina por não estar apto a executar determinada função técnica. Como alguém que não sabe consertar um rádio, que não percebe os mecanismos de uma máquina.

Aproximou-se de um vaso. Cozinha estúpida, casa estúpida, e as plantas, para que raio quer ela uma planta?!

Agarrou com as duas mãos no pequeno tronco que crescia no vaso e puxou. A princípio alguma resistência, mas depois a planta saiu. Atirou-a para um canto.

As raízes deixaram terra atrás de si. Imaginou que aquele era o sangue da planta, a terra; mas não se sentiu um criminoso, sentiu-se um jogador, alguém que brinca.

- Sangue - gritou – a planta está a deixar cair sangue na cozinha!

A mulher veio a correr, ficou parada junto à porta. Ele escavava com as duas mãos e atirava a terra para fora do vaso.

A rapariga começou a chorar, quase não se ouvia; não se mexia.

Ele continuava a tirar terra. Depois pôs as mãos dentro do vaso, no espaço agora aberto.

Ela não se mexeu. Estava parada, à entrada da cozinha.

- Estúpida. Põe terra por cima das minhas mãos. Vá, estúpida. Gostas de mim?

Ela aproximou-se e com as duas mãos pôs terra de novo no vaso. Isso, disse ele.

As duas mãos agora cobertas de terra, já escondidas. Para ela pôr mais terra em volta dos punhos, gritava.

Os dois pararam. A mulher como que abrandou de chorar; e ele calou-se.

As duas mãos enterradas por completo no vaso.

Ele perguntou: Já posso sair daqui?

In *Magazine Artes*, Fevereiro 2005